

DIÁLOGO INTERLITERÁRIO E ESCRITA METALITERÁRIA EM *TORTO ARADO*: LUTA POLÍTICA NO CICLO DA TERRA

Dr. MARCELO CORDEIRO DE MELLO
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
(marcelocmello@gmail.com)

RESUMO: Neste artigo, exploramos alguns aspectos do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019. Iniciamos descrevendo o diálogo intertextual que o livro estabelece com a tradição literária em que se insere, especialmente, com o Regionalismo brasileiro e com o Realismo mágico latino-americano. Em seguida, explicitamos alguns aspectos metaliterários que estruturam a narrativa de *Torto arado*. A partir da ideia do ciclo de vida e morte ligado à terra, discutimos o problema da luta política dentro do romance, e concluímos nosso artigo explorando a forma como o romance dialoga com o tempo presente. Nossa abordagem tem por base, além do romance, também entrevistas concedidas pelo autor, e discussões teóricas e críticas sobre o Regionalismo e os personagens subalternos.

Palavras-chave: *Torto arado*. Itamar Vieira Junior. Literatura brasileira contemporânea. Diálogo intertextual. Metaliterariedade. Terra.

Artigo recebido em: 31 maio. 2021.
Aceito em: 24 jun. 2021.

INTERLITERARY DIALOGUE AND METALITERARY WRITING IN *TORTO ARADO*: POLITICAL STRUGGLE IN THE LAND CYCLE

ABSTRACT: In this article, we explore some aspects of the novel *Torto arado*, by Itamar Vieira Junior, published in 2019. We begin by describing the intertextual dialogue that the book establishes with the literary tradition from which it originates, especially with Brazilian Regionalism, and with Latin-American Magical Realism. Then, we explain some metaliterary aspects that structure the narrative of *Torto arado*. Based on the idea of the cycle of life and death and its relation to land, we discuss the problem of political struggle within the novel, and we conclude our article by exploring the way the novel establishes relations with present time. Our approach is based, beyond the novel, on the author's interviews, and on theoretical and critical perspectives about Regionalism and subaltern characters.

Keywords: *Torto arado*. Itamar Vieira Junior. Contemporary Brazilian literature. Intertextual dialogue. Metaliterarity. Land.

APRESENTAÇÃO

Neste artigo, trataremos de um dos mais comentados romances da literatura brasileira contemporânea: *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019¹. Começaremos situando-o no contexto das literaturas brasileira e latino-americana, analisando possibilidades de diálogo interliterário. Em seguida, apresentaremos a estrutura de construção da narrativa, explorando o problema da escrita metaliterária, bem como a metáfora central da narrativa, que é a ideia do ciclo de vida e morte, ligado à terra. Por fim, discutiremos os desdobramentos políticos da obra.

1 A edição à qual tivemos acesso para a escrita deste artigo não foi a edição em papel, com a numeração das páginas, mas uma edição em livro digital (de tipo *Kindle*). Portanto, nas referências aos trechos de *Torto arado* aqui citados, tomamos a licença de não utilizar a numeração da página, mas sim a referência a qual das três partes do livro (citadas em números romanos, I, II ou III) e a qual (sub)capítulo (citado em algarismos indo-arábicos) pertence a referida citação.

Torto arado é a história de membros de uma comunidade quilombola na Chapada Diamantina, na Bahia. A comunidade sofre a exploração da família de fazendeiros donos da terra, vivendo sob um regime ainda comparável à servidão e à escravidão. A narrativa se concentra em um núcleo familiar, especialmente, nas personagens de duas irmãs, Bibiana e Belonísia.

A narrativa começa descrevendo um acidente com uma faca em que as duas irmãs se envolvem, e que terá como consequência a perda da capacidade de comunicação verbal de uma delas. Esse acontecimento determinante abre na obra a discussão do problema da (perda da) linguagem, o que, naturalmente, tem eco no uso da linguagem literária, conforme veremos adiante.

Outro importante personagem de *Torto arado* é o pai das moças, Zeca Chapéu Grande, uma liderança tanto religiosa quanto na mediação de conflitos e em outras questões comunitárias. A partir desse personagem vão se desenvolvendo duas temáticas dominantes da obra: por um lado, o misticismo, desenvolvido a partir da descrição da prática religiosa afro-brasileira do jarê, abre espaço na obra para uma expressão poética associada aos espíritos. Por outro lado, sendo Zeca Chapéu Grande um sacerdote do jarê, também é grande sua importância como líder comunitário, o que leva o livro ao problema da luta política do povo quilombola. No livro, o jarê é representado como um elemento aglutinador, que ajuda a conferir coesão social àquela comunidade.

DIÁLOGO INTERLITERÁRIO

Começaremos nossa discussão situando *Torto arado* dentro da tradição literária nacional para em seguida explorar sua relação com alguns autores hispano-americanos.

O diálogo intertextual é importante em *Torto arado* desde seu título, retirado de um verso de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga. Num romance sobre a permanência de estruturas sociais arcaicas no Brasil, não parece ser gratuita a referência ao Arcadismo, um dos primeiros movimentos literários a se desenvolver no Brasil – ainda que o seu nível de “brasilidade” seja constantemente posto em xeque. O fato é que as palavras “torto arado” são ressignificadas por Vieira Junior, passando a ser associadas à relação que aquele povo quilombola estabelece com a terra brasileira: esta relação se ancora na ideia do trabalho da terra pela agricultura familiar – conforme veremos em detalhe mais à frente. Por ora, vejamos o contexto dos versos de Gonzaga de onde saem as palavras do título da obra de Itamar Vieira Junior: trata-se da Lira XIV de *Marília de Dirceu*, que trata do tema da efemeridade. Reproduzimos aqui a estrofe em questão:

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulcro,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
Ferro do torto arado.

Como podemos ver, a metáfora da terra é explorada em dois campos semânticos opostos: por um lado, ela representa a “campa”, isto é, a cova onde são enterrados os cadáveres. Porém, por outro lado, a referência à terra arada remete naturalmente à ideia de vida. Na mesma terra onde são enterrados os cadáveres também são enterradas as sementes que ajudarão a prolongar o ciclo da vida, transformando-se em alimento para os vivos. Mais adiante, veremos como o romance explora essa pluralidade de significados associados à terra.

Além do título, o livro também assume radicalmente a ideia do diálogo intertextual por meio de outro paratexto: a epígrafe retirada da obra *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar: “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo” (VIEIRA JUNIOR, 2019). O escritor Itamar Vieira Junior dedica a obra a seu pai, que morreu pouco depois de o livro receber o prêmio português LeYa, o que permitiu sua publicação; logo, é significativo que a epígrafe também faça referência à figura paterna. Porém, bem distante do sentido original da relação conflituosa entre pai e filho que define *Lavoura arcaica*, a epígrafe recontextualizada parece encaminhar noutro sentido a metáfora paterna em *Torto arado*: como sabemos, Zeca Chapéu Grande, o pai das irmãs Bibiana e Belonísia, simboliza um elemento unificador dentro da comunidade, uma inspiração na luta política (dentro de uma posição pacífica e de não-violência). Vemos, portanto, que a citação intertextual de *Lavoura arcaica* se orienta pela transgressão de sentido. O trecho de *Lavoura arcaica* que originalmente funcionava como exemplo do discurso hipócrita de um núcleo familiar decadente passa, em *Torto arado*, a adquirir um sentido positivo. É curioso que haja uma referência explícita aos “sermões”, o que remete à importância da religião nas duas obras. Porém, enquanto em *Lavoura arcaica* os sermões cristãos do pai servem para salientar o quanto o comportamento imoral do filho se afasta dos preceitos paternos, por outro lado, em *Torto arado*, Zeca Chapéu Grande é essencialmente um personagem positivo, cujas qualidades são exaltadas, e servem como inspiração para as filhas. Logo, sua relação com a religião afro-brasileira também é vista como um elemento positivo, o que dará margem para que seja explorada a relação entre a liderança religiosa e a liderança comunitária e política.

Ora, se *Torto arado* é uma obra que se orienta pelo diálogo interliterário: a que gênero ela pertence, ou com qual tradição literária dialoga? Boa parte da crítica sobre o romance insiste na relação com a tradição brasileira do Regionalismo, isto é, com a segunda e a terceira fases do Modernismo brasileiro, e com o Neorrealismo. É comum que a linguagem e a temática da obra sejam associadas a autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Menos comum é a comparação com Guimarães Rosa, já que o uso da linguagem em *Torto arado* não chega ao nível de radicalidade dos experimentos estilísticos de Rosa. Este é um ponto importante porque, dentro da crítica em relação ao Regionalismo que se desenvolve “a partir da década de 90 (...), coloca-se a ideia de que o Regionalismo teria sido ‘superado’ com a narrativa rosiana” (SANTINI, 2011, p. 81), conforme resume a estudiosa do Regionalismo Juliana Santini. Portanto, é possível afirmar que a literatura de Itamar Vieira Junior dialoga mais diretamente com o Regionalismo pré-Guimarães Rosa. Voltaremos a esse problema mais adiante.

De qualquer forma, é inegável que o Regionalismo continua a ter importância dentro da literatura brasileira contemporânea. Outra estudiosa do Regionalismo, a professora Tânia Pellegrini, ao comparar a obra de Graciliano Ramos com a do escritor contemporâneo Milton Hatoum, reconhece que o Regionalismo sobrevive na literatura brasileira atual (conforme resume ainda Santini), notável no:

(...) compromisso da narrativa Regionalista com certo lastro com a realidade e a determinação do subdesenvolvimento na representação de “territórios extremos”, marcados por traços distintivos, tanto do ponto de vista sócio-econômico, quanto da perspectiva simbólica, cultural e imaginária de sua configuração (SANTINI, 2011, p. 82, sobre PELLEGRINI, 2008)

Além do Regionalismo, outra estética literária com a qual *Torto arado* costuma ser comparado é o Realismo mágico latino-americano. Isso se deve à presença de alguns elementos fantásticos no romance, e pelo ambiente em que a história ocorre, marcado pelo subdesenvolvimento, fruto de sua formação histórica, isto é, do passado colonial. Também de seu passado decorre a importância do folclore e dos mitos populares, associados à formação populacional da América Latina, com a mistura de povos originários de diferentes continentes: às mitologias indígenas se soma a influência da espiritualidade africana e da superstição ibérica, formando um mosaico cultural.

Seja ou não por intenção deliberada do autor, o fato é que *Torto arado* dialoga com diversos romances do Realismo mágico hispano-americano. A descrição da situação de servidão de uma comunidade oprimida remete a

romances como *Redoble por rancas*, do peruano Manuel Scorza. A sucessão de gerações de uma mesma família, por sua vez, nos faz pensar em *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez. Por fim, a importância da comunicação com os espíritos nos faz recordar *Pedro Páramo*, do mexicano Juan Rulfo, obra em que a voz espiritual também estrutura a própria narrativa.

O fato é que o próprio autor de *Torto arado* recusa que o romance seja colocado sob o rótulo do Realismo mágico; o movimento, que foi considerado pelo crítico literário mexicano Ángel Flores, em artigo de 1955, como a autêntica expressão que a América Latina sempre havia buscado (FLORES, 1955, p. 190), geralmente é associado a *Torto arado* graças aos traços que compartilham, derivados das características da formação social da América Latina, que transparecem na literatura. Ao recusar o rótulo do Realismo mágico, Itamar Vieira Junior evoca o perspectivismo antropológico, que explorou em seus estudos de doutorado, e defende que aquilo que alguns leitores entendem como mágico, naquele contexto, é parte da realidade:

Eu não chamaria de Realismo fantástico pelo simples fato de que eu não imaginei o livro dessa maneira enquanto escrevia. (...) No jarê, esse toque, que para o leitor soa mágico, é algo que faz parte do cotidiano. (...) Para aquelas personagens, essa é uma realidade muito plausível. Nós nos acostumamos a dizer que é Realismo mágico, mas só me interessava o Realismo, e o Realismo entre esses grupos é este. É este que está posto. Tudo que ocorre é plenamente possível naquela cosmovisão de mundo que eles têm. (VIEIRA JUNIOR, 2021B)

Naturalmente, por se tratar de personagens quilombolas, o passado colonial e a relação com a África ancestral emergem constantemente no romance. Como o próprio autor enfatiza, sua proposta era falar de “vidas negras” (VIEIRA JUNIOR, 2021A). Parece significativo que esta declaração do autor tenha sido dada numa entrevista (ao programa *Roda Viva*) realizada alguns meses depois de quando ocorreu, nos Estados Unidos, o movimento Vidas Negras Importam (*Black Lives Matter*). Os protagonistas de *Torto arado* são descendentes de escravizados cujas vidas são marcadas pelo recente passado colonial. Essa nova condição social pode ser designada pelo termo de “colonialismo interno”, cunhado pelo sociólogo mexicano Pablo González Casanova, no qual o novo modo de exploração da terra e do trabalho ainda obedece a lógicas do tempo da escravidão: assim, veremos em *Torto arado* como os donos da fazenda simplesmente “passaram a chamar os escravos de trabalhadores” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 1).

A partir do momento em que os trabalhadores da fazenda passam a se identificar como parte das populações quilombolas, os patrões donos da fazenda tratam de prontamente negar a eles o reconhecimento como tais, já que isto

levaria à necessidade de reconhecimento de seus direitos garantidos por lei: os padrões afirmam que “nunca houve quilombolas nessas terras” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 5).

A convivência dos quilombolas com outros personagens de pele escura também pode ser problemática: é o caso do capataz que utiliza o argumento da sua cor de pele e o suposto orgulho de seus antepassados para esconder a sua condição de explorador (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 3).

Cabe aqui apontar que *Torto arado* nasce de uma experiência concreta do autor Itamar Vieira Junior: seu trabalho como funcionário público do Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (INCRA), e como acadêmico das áreas de Geografia e Antropologia. Nesse contexto, o autor realizou na Chapada Diamantina uma aprofundada pesquisa sobre o passado das populações quilombolas. Essa pesquisa foi fundamental para a concepção do romance.

Além das relações étnicas, é importante frisar também a importância da questão de gênero: ao focar-se em personagens femininas, *Torto arado* discute amplamente o problema do machismo e da misoginia na sociedade patriarcal. Parte deste interesse vem da pesquisa do autor, que encontrou importantes lideranças femininas entre as populações quilombolas (VIEIRA JUNIOR, 2021A). As personagens das duas irmãs Belonísia e Bibiana são mulheres corajosas, que enfrentam a opressão dos maridos abusivos e que, mais tarde, se afirmam como lideranças na luta política. A capa de *Torto arado* – que traz uma ilustração de Linoca Souza, feita a partir de uma fotografia de Giovanni Marrozzini – representa as irmãs Bibiana e Belonísia empunhando espadas-de-São-Jorge. A ilustração parece bem adequada, e dialoga com o romance tanto ao aludir, indiretamente, à relação com os cultos afro-brasileiros – em que São Jorge é associado ao orixá Ogum – bem como por mostrar claramente uma atitude de enfrentamento e luta política por partes das irmãs. Conforme veremos adiante, a luta política, e o questionamento sobre a legitimidade do uso da violência também são elementos importantíssimos dentro do romance. A luta política aparecerá na parte final do romance como uma espécie de solução aos problemas apresentados ao longo do livro.

Ora, se as características sociais do Brasil e da América Latina ajudam a explicar as características temáticas de sua literatura, nem por isso essa correlação funciona como um argumento em favor da tese do determinismo geográfico. Conforme lembra Santini, em relação especialmente ao Regionalismo nordestino,

a representação da coletividade tinha a ver, naquele contexto específico, com a tomada de consciência de uma situação de abandono que ia além das agruras naturais implicadas pela seca – escopo do Regionalismo naturalista – e se

estendia à reflexão acerca da transformação nos processos de produção e da hegemonia econômica do Sudeste em relação a outras regiões do país. (SANTINI, 2011, p. 80)

Esse ponto de vista pode ser reconhecido também em obras não-acadêmicas, como é o caso de *Geografia da fome*, de Josué de Castro, publicada inicialmente em 1946. O livro procura desmistificar a ideia de que o subdesenvolvimento da região Nordeste estaria relacionado essencialmente às condições naturais, apontando para outros problemas, como as estruturas de trabalho arcaicas (a despeito da industrialização que se desenvolvia naquela altura), e o fato de a economia brasileira estar voltada para a exportação da produção agrícola, numa relação que parecia repetir o passado colonial.

TERRA: CICLO DE VIDA E MORTE

Em *Torto arado*, vemos gerações sucessivas de uma mesma família sujeitas a situações de exploração que se perpetuam mesmo com a passagem do tempo. É portanto um livro sobre a permanência do arcaico: por um lado, das estruturas sociais e trabalhistas arcaicas, ainda semelhantes à estrutura colonial; e, por outro lado, na sobrevivência da tradição da cultura africana no Brasil, sintetizada especialmente no culto afro-brasileiro do jarê.

Segundo o autor Itamar Vieira Junior, *Torto arado* é parte de uma trilogia que ele publicará sobre o povo e a terra (VIEIRA JUNIOR, 2021A). Certamente, esse interesse do autor também está relacionado com seu trabalho de funcionário público do INCRA, precisamente, mediando conflitos agrários. Também em seu trabalho acadêmico, Vieira Junior se interessou pela ocupação e o uso daquele território da Chapada Diamantina pelas populações quilombolas.

Como vimos, a terra em *Torto arado* simboliza o eterno ciclo de vida e morte: é nela que são enterrados os mortos, mas é também o solo onde é plantada a semente “para que o movimento do mundo se encarregasse do resto” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 13). Essa terra é interpretada pela população quilombola como um organismo vivo, que é preciso aprender a analisar e interpretar: “Tentava escutar os sons mais íntimos, dos lugares mais recônditos do interior da terra, para livrar o plantio da praga” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 13).

Mas também o imaginário da morte atravessa *Torto arado*: como já vimos, o título da obra vem de versos de Gonzaga que falam da ambiguidade da terra, associando-a à vida e à morte. No plano extraliterário, a morte também esteve rondando *Torto arado*: enquanto estava escrevendo a obra, Vieira Junior recebeu a impactante notícia de que haviam sido assassinados numa chacina alguns dos

trabalhadores rurais com quem havia tido contato durante seu trabalho como funcionário público e sua pesquisa acadêmica. Assim, a violência no campo, grave problema social do Brasil, emergiu no mundo real, ao mesmo tempo em que estava sendo tratado por Vieira Junior no plano da ficção. Ainda no plano extraliterário, cabe lembrar que o autor recebeu a notícia da morte do pai enquanto o livro estava na etapa entre a premiação e a publicação, e que o livro é dedicado ao pai do autor, que assina com a agnome Junior, herdado do pai.

Dentro de *Torto arado*, em muitos momentos, o luto é associado à terra: é o que ocorre quando os donos da fazenda proíbem os funcionários de enterrar seus mortos naquela terra onde haviam nascido. Essa proibição irá desencadear um violento conflito entre patrões e empregados; esses últimos irão interpretar assim a interdição: “Se não pudéssemos deitar nossos mortos na Viração era porque, em breve, também não poderíamos estar sobre a mesma terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, II, 19).

A ambiguidade entre morte e vida também aflora em outros momentos de *Torto arado*, por exemplo, na lembrança do passado como escravizados, e na recordação das “Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, II, 19). Mas a dor do luto é entrecortada pela luta por sobrevivência: o nome da personagem Bibiana se origina de Viviana, que vem do latim “vividus”, que significa “vivo”. Essa personagem exalta a relação entre a terra e a vida, nesse discurso dirigido aos patrões:

“(...) esta terra mora em mim”, bateu com força em seu peito, “brotou em mim e enraizou.” “Aqui”, bateu novamente no peito, “é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e de seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 7)

A ambiguidade da associação da terra com a relação entre morte e vida também pode ser encontrada na descrição da construção das casas de barro em que moram os trabalhadores quilombolas: os proprietários da fazenda proibiam que ali fossem construídas casas de alvenaria, para impedir que os funcionários pudessem um dia reivindicar sua presença naquele território e os direitos dali decorrentes. Com o tempo, as casas velhas de barro eram abandonadas e dissolviam gradualmente, até voltar a se integrar com a terra de onde tinham saído. Outro momento de ambiguidade entre morte e vida está na passagem em que, sofrendo a dor do luto, a personagem de uma das irmãs momentaneamente recupera a fala, num grito que remete ao choro de um recém-nascido: “em anos, foram os primeiros gemidos que deixei escapar de minha boca mutilada”

(VIEIRA JUNIOR, 2019, II, 15). Uma última ambiguidade entre morte e vida pode ser observada no uso da expressão “rios de sangue”, que inicialmente (VIEIRA JUNIOR, II, 24) aparece associada à morte de trabalhadores da fazenda numa emboscada, mas que depois passa a ser vinculada ao fluxo do sangue vital no corpo de um ser que retorna à vida (VIEIRA JUNIOR, III, 14).

METALITERARIEDADE: A PALAVRA “ARADO”

Para além do diálogo intertextual com Tomás Antônio Gonzaga, há também no título de *Torto arado* uma relação evidente com a metáfora da terra: a palavra “arado”, associada à terra, despertará a curiosidade de uma das irmãs – precisamente, aquela que perde o dom da fala –, que vai encontrar na palavra uma poeticidade que a fascina. Logo, o ato de arar – sinônimo de cultivar – pode também ser entendido como uma metáfora do ato da escrita, que também se dá entre linhas paralelas: as retas da pauta que organiza as linhas do texto remetem às linhas também paralelas do traçado de um arado sobre um terreno cultivado.

Naturalmente o problema da linguagem também assume grande importância na medida em que a narrativa se desenvolve a partir da perda da faculdade da fala por uma das protagonistas. Para passar a se comunicar, ela é obrigada a inventar uma linguagem gestual própria – que não é a linguagem de sinais aprendida nas escolas, já que o ensino precário ao qual os quilombolas tinham acesso não incluía o aprendizado da linguagem brasileira de sinais. É o diálogo gestual entre as irmãs Bibiana e Belonísia que permite que uma delas – condenada à mudez – possa se comunicar com o mundo exterior. Naturalmente, a invenção de uma linguagem gestual dentro do romance remete à própria criação literária cultivada pelo autor.

Sobre a linguagem literária de *Torto arado*, é importante observar que o livro não se preocupa especialmente em reproduzir a forma de falar da região onde se desenrola a ação. Aí sim se pode falar em certa relação entre os estilos de Itamar Vieira Junior e Guimarães Rosa – mas a semelhança não está na radicalidade do uso da linguagem literária, mas na busca de uma linguagem literária que não procure reproduzir a linguagem oral do grupo social de que fazem parte os personagens. Assim, *Torto arado* atinge uma expressão literária própria, sem que haja uma oposição evidente entre a fala do narrador e a dos personagens – como frequentemente acontece no Regionalismo. Embora trabalhem em planos de expressão literária bastante diferentes, há entre Guimarães Rosa e Vieira Junior esta semelhança, que se dá nesse plano da identificação da linguagem do narrador com a dos personagens. Poderíamos aqui recordar o que afirma o crítico Davi Arrigucci Jr. sobre Guimarães Rosa,

defendendo que *Grande Sertão: Veredas* “Permite uma reviravolta na prosa ficcional da literatura Regionalista, superando-a de vez: ele dá voz ao pobre, ao rústico, cujas palavras eram sempre glosadas na voz do narrador culto da cidade no romance Regionalista tradicional” (ARRIGUCCI JR., 2010, p. 116).

A maneira como Itamar Vieira Junior trabalha o problema da linguagem em *Torto arado* dá margem para se entender que o autor busca uma outra forma de aproximação daqueles personagens que seriam considerados “subalternos”. A teórica Gayatri Spivak, dentro dos estudos subalternos (SPIVAK, 2010, p. 12), entende (a partir do pensamento do teórico italiano Antonio Gramsci) que as classes subalternas são uma categoria alijada do poder. Spivak utiliza o termo “povo” como sinônimo de “classes subalternas” (SPIVAK, 2010, p. 74). Por sua vez, entende o subalterno (ainda a partir de Gramsci) como equivalente do proletariado: “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 13-14). Esta classificação é perfeitamente válida para *Torto arado*. Não por acaso, o autor, Itamar Vieira Junior, é um funcionário público dedicado a fazer com que a lei seja aplicada naqueles territórios distantes da institucionalidade: em entrevista, Itamar Vieira Junior elogia a “Constituição cidadã” e reafirma sua crença no cumprimento da lei (VIEIRA JUNIOR, 2021A).

RESISTÊNCIA POLÍTICA

A reivindicação por direitos é parte da luta política dos personagens de *Torto arado*. Ora, em certo momento o romance discute a legitimidade (ou não) do uso da violência e da força para a resistência à opressão. Se, no passado, o líder religioso e comunitário Zeca Chapéu Grande havia atuado como um elemento conciliador entre patrões e empregados, com o tempo, as novas gerações passam a recusar a resistência pacífica – o que culmina com o momento em que são arrombados os portões do cemitério local, como recusa à proibição de que os quilombolas enterrassem seus mortos dentro da fazenda. A despeito disso, o fato é que a mensagem do romance acena no sentido da recusa do uso da violência, e na exaltação da lei e da institucionalidade na defesa das populações oprimidas: “Alguém lembrou que ainda poderia haver justiça” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 4). Os quilombolas passam a buscar organizar a sua luta como estratégia de sobrevivência e resistência. A violência acaba ficando associada apenas aos patrões, que em tempos antigos decepavam as mãos dos escravizados, como forma de punição, ou infligiam neles violentas surras, amarrando-os a troncos de árvores.

CONCLUSÃO: *TORTO ARADO* E O BRASIL ATUAL

Conforme declarou em entrevista (VIEIRA JUNIOR, 2021A), Itamar Vieira Junior intencionalmente optou por não situar de forma clara em que o momento se desenrola a ação de *Torto arado*. O livro termina com esta nota: “Esta é uma obra de ficção. Embora inspirada na vida real” (VIEIRA JUNIOR, 2019). Por mais que fique evidente que a ação acontece após a escravidão, o fato é que não fica claro quanto tempo depois, já que muitos traços do modelo escravista continuam presentes, especialmente nas relações de trabalho e no uso da terra. Dessa forma, o romance sutilmente aponta que essas questões, infelizmente, ainda não foram superadas pela nossa sociedade.

Podemos constatar que o trabalho análogo à escravidão ainda é encontrado tanto no campo quanto na cidade: o próprio romance sinaliza diretamente com a comparação das relações de trabalho do passado e do presente, ao recordar a profissão da “diarista de serviços domésticos, cuidando de crianças” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 4). O livro lembra ainda o “preconceito no posto de saúde, no mercado ou nos cartórios da cidade” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 10) – também uma realidade ainda bastante presente.

Um outro traço de *Torto arado* que dialoga com a atualidade é a descrição de problemas ecológicos: a defesa do meio ambiente aparece atrelada à luta dos quilombolas, na medida em que suas terras, bem como as dos indígenas, costumam representar a maior conservação da natureza. O livro cita, por exemplo, o caso do rio que costumava ser abundante em peixes, “Mas a mineração trouxe muita areia para o leito” (VIEIRA JUNIOR, 2019, III, 6).

O fato de que *Torto arado* seja tão discutido precisamente no momento atual – em que o presidente eleito é autor de comentários preconceituosos em relação aos quilombolas e às mulheres, além de se mostrar contrário à luta ecologista e defender a mineração predatória – é um acontecimento que deve suscitar o maior dos otimismo.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI Jr. D. Sertão: mar e rios de histórias. *O guardador de segredos: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 113-129.

FLORES, Á. Magic Realism in Spanish American Fiction. *Hispania*, XXXVII, maio de 1955, p. 190.

MELLO, Marcelo Cordeiro de. Diálogo interliterário e escrita metaliterária em *Torto arado*: luta política no ciclo da terra. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 63-75.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 07 ago. 2021.

GONZÁLEZ CASANOVA, P. Colonialismo interno (uma redefinição). *A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007.

PELLEGRINI, T. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

SANTINI, J. A Formação da Literatura Brasileira e o Regionalismo. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 2011, p. 69-85.

SPIVAK, G. Ch. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. *Entrevista ao programa Roda Viva*, 15 de fevereiro de 2021A.

VIEIRA JUNIOR, I. Itamar Vieira Junior fala sobre o sucesso de "Torto Arado". Livro premiado no Brasil e no exterior vai ser adaptado para as telas. *Podcast Arte Clube*. EBC, 24 de fevereiro de 2021B.

MARCELO CORDEIRO DE MELLO é Mestre em Línguas, Literaturas e Civilizações Estrangeiras pela Universidade Paris IV - Sorbonne (2011) e Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Lecionou Língua Portuguesa e respectiva literatura na Faculdade Evangélica de Brasília e no Liceu Francês de Brasília (2012-2014). Atuou como Assistente de Língua Portuguesa da Academia de Bordeaux, França (2010-2011). Foi Leitor de Língua Portuguesa da Universidade de Bourgogne, França (2008-2010). Dentre suas publicações estão "Como fazer um Livro do Desassossego" (Aletria, 2021) e "Comédia popular e humor negro no roteiro cinematográfico não-filmado de A hora dos ruminantes, de 1967, de Sergio Person e Jean-Claude Bernardet" (Cinémas d'Amérique Latine, 2021).